

MAKHUWA, LÍNGUA DE SUJEITO, VERBO E OBJECTO (SVO)

MAKHUWA, LANGUAGE OF SUBJECT, VERB AND OBJECT (SVO)

António Pedro Frederico

Universidade Rovuma – Moçambique

RESUMO

O presente artigo descreve e analisa a frase simples e os seus constituintes em Emakhuwa (P30 na classificação de Guthrie 1967-71), uma língua bantu falada no norte de Moçambique. Este estudo baseia-se na teoria de Princípios e Parâmetros (P&P) de Chomsky (1986). A teoria é relevante para descrever e explicar os princípios que seriam universais, e parâmetros, desses princípios, que seriam variáveis nas línguas particulares. Este artigo tem como objectivo geral estudar a sequência dos constituintes da frase (SVO) em Emakhuwa. Especificamente: (i) identificar os constituintes e sua ordem de ocorrência na frase; (ii) descrever a ordem de ocorrência dos constituintes na sentença e (iii) analisar e explicar a ordem canónica a partir dos dados analisados. A motivação deste estudo é pelo facto de o autor estar equivocado se Makhuwa é língua de SVO ou não. Os dados analisados nesta pesquisa foram obtidos através dos métodos introspectivo e filológico (alguns dados foram extraídos de Katupha (1991), com os quais constituiu-se um corpus com cerca de 28 frases. A análise de dados mostrou que, em Emakhuwa, a estrutura SVO é obrigatória quando o sujeito e o objecto são nomes da mesma classe (classe 1), pois a alteração da ordem de ocorrência pode resultar também na mudança do significado da sentença. Com base nos dados do Emakhuwa apresentados neste estudo, concluiu-se que a Teoria de Princípios e Parâmetros Chomsky (1986) respondeu efetivamente à nossa inquietação. Portanto, Makhuwa é língua de SVO.

PALAVRAS-CHAVE

Makhuwa. Sujeito. Verbo. Objecto.

ABSTRACT

This paper describes and analyses the simple sentence and its constituents in Emakhuwa (P30 in the Guthrie 1967-71 classification), a Bantu language spoken in northern Mozambique. This study is based on Chomsky's (1986) Principles and Parameters (P&P) theory. The theory is relevant to describe and explain the principles that would be universal, and parameters, of these principles, that would be variable in particular languages. The general objective of this paper is to study the sequence of sentence constituents (SVO) in Emakhuwa. Specifically: (i) to identify the constituents and their order of occurrence in the sentence; (ii) to describe the order of occurrence of the constituents in the sentence and (iii) to analyze and explain the canonical order from the data analyzed. The motivation for this study is that the author is mistaken as to whether Makhuwa is a SVO language or not. The data analyzed in this research were obtained through introspective and philological methods (some data were extracted from Katupha 1991), with which a corpus of about 28 sentences was constituted. Data analysis showed that in Emakhuwa, the SVO structure is mandatory when the subject and object are nouns of the same class (class 1), since changing the order of occurrence can also result in changing the meaning of the sentence. Based on the Emakhuwa data presented

in this study, it was concluded that Chomsky's Theory of Principles and Parameters (1986) effectively responded to our concern. Therefore, Makhuwa is an SVO language.

KEYWORDS

Makhuwa. Subject. Verb. Object.

1. Introdução

O presente artigo propõe-se a descrever e analisar a frase simples e a ordem dos seus constituintes em Emakhuwa, uma língua bantu falada no norte de Moçambique. Este estudo de sintaxe da ordem de elementos da frase, SVO, foi feito por meio de pressupostos da teoria de Princípios e Parâmetros (P&P), Chomsky (1986). O quadro da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1996) é relevante para explicar e descrever os princípios que seriam universais, e parâmetros, desses princípios, que seriam variáveis nas línguas particulares.

Este artigo tem como objectivo geral estudar a sequência dos constituintes da frase (SVO) em Emakhuwa. Especificamente: (i) identificar os constituintes e sua ordem de ocorrência na frase; (ii) descrever a ordem de ocorrência dos constituintes na sentença e (iii) analisar e explicar a ordem canónica partir dos dados analisados. A escolha deste tema justifica-se pelo facto de o proponente ser falante nativo do Emakhuwa, equivocado se Makhuwa é língua de SVO ou não e constituiu, assim a principal fonte de recolha de dados. Para além disso, este trabalho poderá servir de documento de consulta aos professores e alunos do ensino bilingue, estudantes de linguística bantu e outros interessados nessa matéria posteriormente. O presente estudo também constituirá um ponto de partida para pesquisas futuras sobre o tema

De acordo com Instituto Nacional de Estatística, INE, (2017), Emakhuwa, P30 (na classificação de Guthrie 1967 - 71), é falada por cerca de sete milhões de moçambicanos de cinco anos ou mais de idade. É a língua materna com mais falantes nas províncias de Nampula (todos distritos), Niassa (Mecanhelas, Mandimba, Metarica, Maúa, Nipepe, Marrupa, Majuni), Cabo Delgado (Balalma, Namuno, Montepuez, Chiúre, Ancuabe, Meluco, Macomia, Quissanga, Mecufi, Metuge, Pemba) e Zambézia (Ile, Pebane). Segundo Ngunga et al (2022, p. 87), Emakhuwa tem como variantes: Emakhuwana, Enahara, Esaaka, Esankasi, Emarevoni, Exirima e Emeetto.

Emeetto, P31b, é falada nas províncias de Cabo Delgado (distritos de Montepuez, Balama, Namuno, Ancuabe, Quissanga e Meluco). e Niassa (distritos de Majune, Marrupa e Maúa). Os dados analisados no presente artigo são do Emeetto falado no distrito de Namuno, a sul da Província de Cabo Delgado e alguns extraímos de Katupha (1991). Deste modo, constituímos um corpus com cerca de 28 frases com verbos transitivos. Em termos estruturais, o presente artigo está organizado em cinco (5) secções, a saber: 1. Introdução, 2. Revisão da literatura, 3. Procedimentos metodológicos, 4. Apresentação e discussão de dados e 5. Conclusão.

(S) 9- carne (OD) 3Sg- Psd- comer- Psd ontem (Loc) 1- criança

Tradução literal: carne comeu ontem a criança.
'A criança comeu carne ontem'.

b) mwaanace nguwo a -mp- eelee a-Saidi.
1- à criança (OI) OD 3sg - dar- Psd 1-Saíde (S).

Tradução literal: à criança pano deu o Saíde.
'O Saíde deu pano à criança'.

O que nos levou a formular a seguinte questão da pesquisa: à luz de P&P, como é que Makhuwa é língua de SVO? Observam-se acima algumas frases resultantes da alteração da ordem dos elementos das frases. Ignorando as traduções literais em (1a, b) e em (2a, b), estas frases são correctas, apesar da alteração da sequência dos elementos. Segundo Ngunga (2014, p. 247), "a ordem das palavras na frase nas línguas bantu é livre, ou quase, o que faz muito sentido dado o carácter extremamente aglutinante da forma verbal".

De acordo com Kayne (1994), o c-comando assimétrico invariavelmente mapeia dentro da precedência linear. As posições complementares devem sempre seguir seu núcleo associado, e que os especificadores e os elementos adjacentes devem sempre preceder também o sintagma que seja irmãos. A teoria de Kayne (1994), prevê que todas as línguas teriam a mesma ordem básica (SVO), sendo as demais ordens fruto de movimento de elementos na estrutura.

Nesta óptica, entendemos que a liberdade de localização das palavras na frase tem uma explicação morfológica. O núcleo da frase, isto é, a forma verbal, contém todos elementos morfossintácticos dispostos de acordo com uma determinada ordem. Portanto, é esta ordem interna que lhe permite uma total liberdade de movimentação enquanto elemento único no quadro da escrita conjuntiva, o que torna irrelevante a ordem externa se poderia estabelecer para os restantes membros da frase.

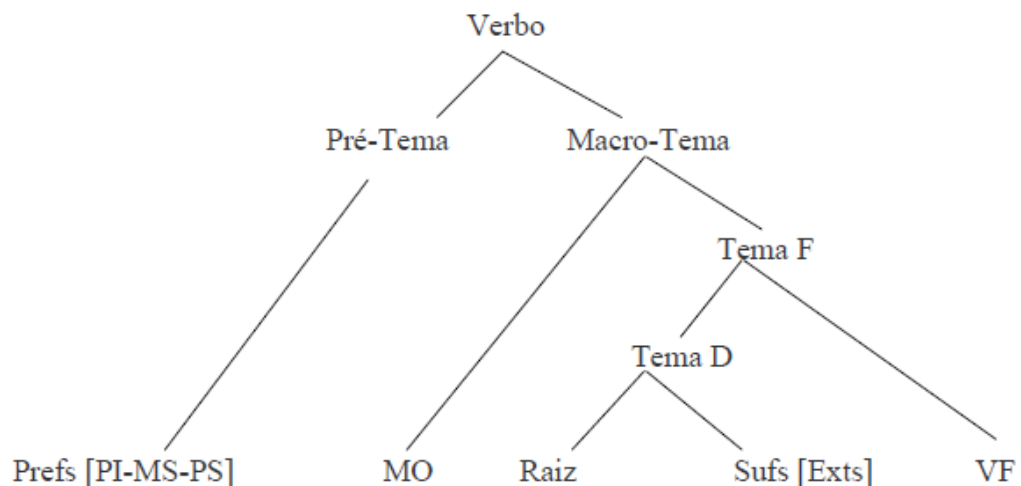
O grau de liberdade que a forma verbal tem de ocorrer em qualquer posição na estrutura da frase, chega até a permitir que ela possa ser objecto, negação e tempo. Portanto, uma frase completa, o que nos parece. De acordo com Ngunga (2004, p. 248), "nas línguas bantu, a estrutura SVO só se torna obrigatória quando o sujeito e o objecto são nomes da mesma classe (1 e 2), pois a alteração da ordem de ocorrência pode resultar também na mudança do significado da frase". Por exemplo, as frases a seguir, com base em dados do Emakhuwa, retirados de Ngunga (2014, p. 248).

(3) a) mwaana homukhuura mwalakhu. 'A criança comeu a galinha'
b) mwalakhu homukhuura mwaana. 'a galinha comeu a criança'

Em (3a) o sujeito será mwaana 'criança' enquanto que em (3b) o sujeito será mwalakhu 'galinha'. De acordo com diversos autores (Ngunga, 2004; Katupha, 1983), em Emakhuwa, por exemplo, a ordem de palavras S (sujeito), V (verbo) e O (objecto) SVO é obrigatória, pois tanto o nome que desempenha a função de sujeito lógico como o que desempenha a função de objecto têm o mesmo prefixo de concordância. Portanto, os nomes pertencem a algumas classes como o caso das classes 1e 2, assim como a primeira (1ª) e segunda (2ª) pessoas, ocupando a

posição de objecto, devem obrigatoriamente ter a marca de concordância na estrutura da forma verbal. Porém, a maioria das línguas, qualquer nome que pertence a qualquer classe pode ser pronominalizado através de um morfema co-referente de objecto inserido na estrutura da forma verbal na posição imediatamente antes da raiz, como vem ilustrado a seguir.

Figura 1: Estrutura do verbo em bantu



Ngunga (2000, p. 87)

Onde: Tema F: Tema flexionado; Tema D: Tema derivado; MS: Marca de Sujeito; PS: *pós-sujeito*; PI: *pré-inicial*; MO: Marca de Objecto; Exts: Extensões (Verbais); VF: vogal final, também chamada Vogal terminal (VT)

De acordo com estrutura verbal acima, o verbo nas línguas bantu divide-se, primeiro, em duas partes: Pré-Tema e Macro-Tema. Por sua vez, Pré-Tema subdivide-se em Prefixos que são Pré-Inicial (PI), Marca de Sujeito (MS) e Pós-sujeito (PS). A seguir, o Macro-Tema ramificando-se em Marca de Objecto (MO) e Tema-Flexional (TF) que também se subdivide em Tema Derivado (TD) que, por seu turno, se fragmenta em Raiz e Sufixos (Extensões verbais) e finalmente a Vogal final(VF).

Katupha (1983, p.35), Emakhuwa:

- (4) a) Ki- ho- m- oon- a mwaana
MS- Psd- MO- ver- VF criança
'vi criança'
b) Ni- ho- m -oon- a mwaana
MS- Psd- MO- ver- VF criança
'vimos criança'

Os morfemas em negrito em (4a, b) **ki** e **ni**, respectivamente, ocorrem como marca de sujeito e **m** é marca de objecto na estrutura da forma verbal.

2.1. Conceitos Operatórios

2.1.1. Morfologia

De acordo com Anderson (1994, p. 7), “morfologia é o estudo da estrutura das palavras e a forma como reflectem a relação com outras palavras”. Por sua vez, Ngunga (2004, p. 99), diz que a morfologia é “o estudo dos morfemas, das regras que regem a sua combinação na formação da palavra, e da sua função no sintagma e na frase”.

Portanto, na óptica de Ngunga (2004, p. 99), o objecto de análise morfológica é o morfema, definido como “a menor unidade da língua portadora de sentido (lexical ou gramatical), na hierarquia da palavra”. Por seu turno, Katamba e Stonhan (2006, p. 3), definem a morfologia como “estudo da estrutura interna da palavra”, considerando, ainda, que os morfemas são a unidade mínima de análise morfológica, na palavra.

Podemos entender, das definições acima, que todos os autores partilham a ideia de que a morfologia procura estudar a estrutura da palavra, sendo esta o objecto de análise, e o morfema constituindo seu objecto de análise mínima.

2.1.2. Sintaxe

De acordo com Bloomfield (1939), a sintaxe é o estudo de formas livres. Esta noção é conhecida como uma abordagem estruturalista. Segundo (Cunha; Cintra, 2005), advogam que a sintaxe é a parte da gramática que descreve as regras segundo as quais as palavras se combinam para formar frases.

A importância do estudo da sintaxe na gramática das línguas Bantu notabiliza-se pelos inúmeros estudos desenvolvidos por Baker (1985); Firmino (1992); Katupha (1983; 1991); Chomsky (1965; 1995); Ngunga (2002; 2004) só para citar alguns.

2.1.3. A teoria de princípios e parâmetros (P&P)

A teoria de Princípios e Parâmetros foi introduzida pela primeira vez, no âmbito da gramática gerativa, por Chomsky (1981) e em obras posteriores (Chomsky, 1986a, 1986b). A teoria de Princípios e Parâmetros passa a conceber, tal como aponta Raposo (1992, p. 54-55), a Gramática Universal (GU) como sendo constituída por dois tipos de princípios, nomeadamente: princípios rígidos, invariáveis e que qualquer gramática final terá de incorporar, e um sistema de princípios abertos (os parâmetros), cujo valor final e definitivo apenas é atingido durante o processo de aquisição, através da sua fixação numa de duas posições possíveis com base na informação obtida a partir do meio ambiente. Ou seja, a teoria de Princípios e Parâmetros descreve os princípios que seriam universais, e parâmetros, desses princípios, que seriam variáveis nas línguas particulares.

Assim, esta teoria poderá ajudar a responder ao problema desta pesquisa, uma vez que nos permitirá estudar um fenómeno linguístico que ocorre em línguas bantu em geral e em Emakhuwa em particular com base em princípios universais. Um dos exemplos que tem sido apresentado como ilustrativo desta teoria é o princípio de projecção, com base no qual os complementos de um núcleo lexical precisam de ser realizados em todos os níveis de representação da gramática, isto é, estrutura-D, estrutura-S e forma lógica (FL) (Chomsky, 1981).

Na óptica de Raposo (1992, p. 294), “o princípio de projecção prevê que a cada nível sintáctico (estrutura-D, estrutura-S e FL) as propriedades temáticas e de

subcategorização dos itens lexicais são respeitadas”. Neste princípio, buscam-se variações paramétricas nas línguas naturais. Por outras palavras, tal como argumenta Borer (1984a), a parametrização é concebida como decorrente de um conjunto de traços seleccionados pelas gramáticas particulares e a sua associação a determinados itens lexicais. O português, por exemplo, é uma língua com especificação positiva relativamente ao parâmetro do sujeito nulo, que permite construções com sujeitos não realizados foneticamente na estrutura oracional (sujeito subentendido), tal como no exemplo abaixo, Borer (1984):

(5) Exemplo: fui ao mercado. (p. 324)

Portanto, no quadro desta teoria, de acordo com Scarpa (2003), a Faculdade da Linguagem (FL) é entendida como um conjunto de características e capacidades cognitivas; um componente específico da mente /cérebro humano, cujo estado inicial é determinado biologicamente e cujo estado final estável constitui a gramática de uma língua específica. Assim, no estado final da FL há a possibilidade de actuação de um sistema computacional responsável pela geração das frases de uma determinada língua, sobre um léxico com parâmetros fixos. Quer dizer, o léxico comporta a informação lexical peculiar a uma determinada língua e o sistema computacional é sensível a esse tipo de informação.

A fixação de valores paramétricos no léxico de uma língua é possibilitada pela concepção de que os itens lexicais são constituídos por matrizes de traços¹ fonéticos, semânticos e formais. Deste modo, para a teoria dos Princípios e Parâmetros, a noção de traço é importante tanto para a própria especificação de uma dada língua, como para a actuação do sistema computacional na derivação de uma expressão linguística particular.

2.1.4. Os afixos

De acordo com Souza (2012, p. 46), a “afixação é um processo de acréscimo de um afixo ou afixos ao Morfema Lexical de Base (MLB), seja na margem esquerda ou na margem direita, respectivamente, prefixação e sufixação”. Portanto, a tal forma de base, segundo Cristal (1991 apud Matsinhe, 1993, p. 163), os afixos são “morfemas que se juntam a um radical”. Por outras palavras, de acordo com Macalane (2013, p. 67), os afixos verbais “podem ser considerados como morfemas de ligação que se associam a um radical verbal”.

De uma forma geral, distinguem-se dois tipos de afixos, nomeadamente: os flexionais e os derivacionais. Enquanto os primeiros exprimem tempo, aspeto, modalidade e não afectam a estrutura argumental do predicado, os segundos, tal como consideram Rio-Torto et al. (2013, p. 62), “agregam-se a uma base lexical formando nela um lexema distinto do lexema que constitui essa base”.

¹ De uma forma mais simplificada, traços podem ser concebidos como propriedades atómicas da gramática. Desta forma, analogamente, um dado traço [plural] é usado para determinar uma categoria do mundo real assim como, na química, H é usado para representar o elemento natural hidrogénio (cf. ADGER e SVENONIUS, 2010)

2.1.5. Afixos flexionais

Os afixos flexionais, tal como se referiu acima, ocorrem, em geral, na posição tanto de prefixo quanto de sufixo e fornecem diversas informações de concordância sintáctica, morfológica até semântica.

2.1.6. Marca de concordância com o sujeito (MS ou SUJ)

Segundo (2014), a marca de sujeito (MS) é uma marca morfé mica que se refere ao sujeito denominada morfema coreferente do sujeito ou marca de sujeito (MS). A seguir, podemos ver alguns exemplos extraídos de Ngunga (2014, p. 172):

Exemplos do Emakhuwa: a) *nihiku noomala* ‘o dia acabou’; b) *Kihokhuura ehopa* ‘comi peixe’

Em frases afirmativas, a marca de concordância com o sujeito é o primeiro morfema na estrutura da forma verbal.

Na frase em a) a palavra *nihiku* é sujeito e em b) o morfema **ki** é marca de sujeito.

2.1.7. Marca de objeto (MO ou OBJ)

Segundo Ngunga (2014, p. 186), “a marca de objecto, (MO), é o morfema coreferente ao objecto e na estrutura da forma verbal vem acoplada na posição imediatamente antes do radical verbal”. Ngunga (2014, p. 188).

Ximakonde:

(6) *va-nku- m -pit - a mwana*
3Sp- Pres- MO- ultrapassar- VF - 1-ciaça
‘Eles estão a ultrapassar a criança’.

Os dados em (6), o morfema *m* é co-referente da marca de objecto (MO) ocorrendo imediatamente antes do radical verbal.

3. Verbo

De acordo com Ngunga (2014, p. 163), “em todas as línguas humanas existem palavras que servem para fazer afirmações, relatar factos, acções, descrever estados, seres, situações, etc. Tais palavras são chamadas verbos”.

Exemplos retirados de Katupha (1991, p.41)

(7) a) *O - tthuk - a*
15 - amarar- VF
‘amarar’

b) *O -khal - a*
15 -Ser/estar/ficar- VF
‘ser/estar/ficar’

c) *W - iil - a*
15 - anoitecer- VF
‘anoitecer’

d) O -s - a
15 - amanhecer - VF
'amanhecer'

e) W - aal - a
15 - semear - VF
'semear'

f) O - lim- a
15 -cultivar -VF
'cultivar'

Os exemplos em (7), mostram o verbo no infinitivo nas línguas bantu em geral e em Emakhuwa em particular.

Parafraseando o autor acima, entende-se que em bantu, como em outras línguas humanas, o verbo é a palavra usada para exprimir factos, acções, estados, situações, intenções e mais. Portanto, constitui a palavra mais flexível ou variável nas línguas bantu.

3.1.Objecto

Segundo Sales, F. e Santos, S. (2013, p. 1), afirmam que "objecto é o complemento dos verbos de predição incompleta regido ou não de preposição". Nesta perspectiva, entende-se por objecto, o elemento obrigatório exigido pelo verbo. Tendo em conta a tipologia verbal, quando forem verbos transitivos directos, o argumento seleccionado pelo verbo desempenha a função sintáctica de objecto directo ao passo que os verbos transitivos indirectos seleccionam um argumento exercendo a função sintáctica de objecto indirecto. Mas também há caso de verbos transitivos directos e indirectos ao mesmo tempo, estes seleccionam os dois argumentos, isto é, objecto directo e indirecto simultaneamente.

Exemplos retirados de Sales e Santos (2013, p. 8):

- (8) a) O Joao comeu a banana. (banana é objecto directo)
b) O paulo bateu na porta. (na porta é objecto indirecto)
c) O Manuel deu uma laranja ao Raúl. (uma banana é objecto directo ao passo que ao Raúl é objecto indirecto).

3.2.Sujeito

De acordo com Cunha, Cintra (2007, p. 136), "sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração". No seu turno, Bechara, E. (2001, p. 409), sujeito é "unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma explicação léxica do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal".

Tendo em conta os autores acima, entendemos que sujeito é constituído por um substantivo (nome) ou pronome, ou mesmo por palavra ou expressão substantivada. Ademais, este constituinte nem todas as vezes pratica uma acção,

mas também, por exemplo em frases com verbos copulativos estabelece uma relação predicativa.

Exemplos retirados de Bechara (2001, p. 409):

- (9) a) O António come uma manga. (sujeito um substantivo praticando uma acção)
b) O António está doente. (sujeito estabelece uma relação predicativa)
c) A Luísa é inteligente. (sujeito estabelece uma relação predicativa)
c) Estudar é bom. (sujeito uma palavra substantivada)
d) Eles foram à escola. (sujeito um pronome)

3.3.Movimento

Os movimentos estruturalistas influenciados por linguistas como Saussure e Bloomfield enfatizaram a estrutura da linguagem e as relações entre os elementos linguísticos. Portanto, é uma forma de manipular a estrutura de uma frase para gerar diferentes tipos de frases ou outras estruturas complexas.

Segundo Guimarães (2017, p. 199),

o movimento ocorre quando alguma propriedade de um item lexical que seja núcleo de um sintagma deflagra a necessidade de que um constituinte de algum tipo específico se mova para que haja uma relação sintáctica local entre os dois elementos envolvidos. O autor esclarece ainda que, o movimento sempre se dá de uma posição c-comandada para uma posição c-comandante; e é com base na mesma noção de c-comando que se dá o desempate em caso de disputas, tal que a minimalidade relativa fornece a métrica para se medir distâncias.

A presente secção foi reservada à revisão da literatura, na próxima secção dedicamo-nos a apresentar a metodologia usada.

4.Procedimentos metodológicos

Nesta pesquisa, a colecta de dados foi feita através do método introspectivo e filológico (alguns dados foram extraídos de Katupha (1991). Para tal, constituímos um corpus composto por vinte e oito (28) frases simples com verbos transitivos directos (de dois lugares) e directos e indirectos simultaneamente (de três lugares) e frases com verbos transitivos quando ocorrem com advérbios para permitir a análise sintáctica que nos propomos e a observação da ordem de ocorrência dos constituintes da frase S(sujeitos)+ V(verbo) +O(objecto), isto é, (SVO) em Emakhuwa.

Queríamos, a partir de um *corpus*, constituir a nossa hipótese por meio dos factos já observados. Isto passa necessariamente por uma fase de recolha e análise de dados como forma de ordenar o particular para chegarmos às nossas generalizações. Terminada a descrição dos procedimentos metodológicos do

trabalho, passemos em seguida ao ponto referente à apresentação e discussão de dados.

4.1.Apresentação e discussão de dados

Nesta secção, apresentamos, descrevemos analisamos e explicamos dados selecionados, fruto da observação participante.

4.1.1.Frase Simples com verbo transitivo directo (de dois lugares):

(10) a) **Mwaana ho- n -khuur- a mwanankwa**
1-criança (S) 3sg-Psd- MO- comer (V)- VF 1-mandioca (O).
'A criança comeu a mandioca'

b). * **Mwanankwa ho- n -khuur- a mwaana.**
1-Mandioca (S) 3sg-Psd- MO- comer (V) - VF 1-criança (O).
'Mandioca comeu a criança'.

(11) a) **Mwaana ho- n - hit- a mwalakhu**
1- Criança (S) 3sg-Psd- MO- degolar (V)- VF 1-galinha (O).
'A criança degolou a galinha'

b) * **Mwalakhu ho -n - hit- a mwaana**
1- galinha (S) 3sg- Psd- MO- degolar (V) - VF 1-criança (O).
'A galinha degolou a criança'

(12) a) **Anumwaane a- ha- a -thip- a antthoro.**
1-mãe (S) 3sg - Psd- MO- cavar (V)- VF 2-ratos (selvagens) (O).
'A mãe cavou ratos'

b) * **Antthoro a- ha- a -thip- a anumwaane.**
2-ratos (S) 3sg-Psd - MO- cavar (V)- VF 1-mãe (O).
'Ratos cavaram a mãe'

(13) a) **Nanteko ho- m - oon - a nkuta**
1-empregado (S) 3sg - Psd- MO- ver (V) - VF 1-abóbora (O).
'O empregado viu abóbora'

b) * **Nkuta ho- m -oon- a nanteko**
1- Abóbora (S) 3sg- Psd- MO- ver (V) VF 1-empregado (O).
'A abóbora viu o empregado'

(14) a) **Coose ho- n - thak- a paakha**
1-José (S) 3sg- Psd - MO- aleijar (V)- VF 1- gato (O).
'O José aleijou o gato'

b) * **Paakha ho- n -thak- a coose.**
1-gato (S) 3sg- Psd - MO- aleijar (V) - VF 1-José (O).

‘O gato aleijou o José’

(15) a) **Kasatoro** **ho-** **m** **-oopel-** **a** **kharamu**

1- Caçador (S) 3sg - Psd - MO - balear (V) VF 1-leão (O).

‘O caçador baleou o leão’

b) * **Kharamu** **ho-** **m** **-oopel -** **a** **kasatoro**

1-leão (S) 3sg- Psd- MO- balear (V) - VF 1-caçador (O).

‘O leão baleou o caçador’

(16) a) **Mavaka** **a-** **ha-** **a** **- hom-** **a** **alapwa**

6-zagaias (S) 3pl- Psd- MO- picar (V) - VF 1-cães (O).

‘As zagaias picaram os cães’

b) * **Alapwa** **a - ha-** **a** **-hom-** **a** **mavaka**

2-Alapwa (S) 3pl- Psd- MO- picar (V) - VF 6-zagaias (O).

‘Os cães picaram as zagaias’

(17) a) **Paawulu** **ho-** **n** **-varih-** **a** **khole**

1-Paulo (S) 3sg - Psd- MO- pegar (V) (com armadilha) - VF 1-macaco (O).

‘O Paulo pegou o macaco’.

b) * **Khole** **ho-** **n** **-varih-** **a** **Paulo**

1-Macaco (S) 3sg - Psd- MO- Pegar (V)- VF 1-Paulo (O).

‘O macaco pegou o paulo’

(18) a) **Paakha** **ho -** **n** **-lum-** **a** **mwaana**

1-gato (S) 3sg - Psd- MO- morder (V) - VF 1-criança (O).

‘O gato mordeu a criança’.

b) * **Mwaana** **ho-** **n-** **-lum-** **a** **paakha**

1-criança (S) 3sg- Psd- MO - morder (V) - VF 1- gato (O).

‘A criança mordeu o gato’

(19) a) **Mwaarabu** **ho-** **n** **-ly-** **a** **soorwe**

1-Muarabo (S) 3sg- Psd- MO- tomar (V)- VF 1- soro (O).

‘O Muarabo tomou o soro’

b) * **Soorwe** **ho-** **n** **-ly-** **a** **Mwaarabu**

1-soro (S) 3sg - Psd- MO - tomar (V)- VF - 1-Muarabu (O).

‘O soro tomou o Mwarabu’

Os exemplos acima apresentados mostram que o morfema co-referente de objecto (MO) ocorre imediatamente antes da Raiz. E nesta língua, assim como ilustram as frases em (10a) até (19b), a obrigatoriedade da presença da marca do objecto na forma verbal é notória. Isto confirma a ideia sustentada por Ngunga (2012), que, geralmente, nas línguas bantu a marca de objecto (MO) precede imediatamente a Raiz.

Os mesmos dados demonstram claramente a ocorrência dos constituintes da frase na sequência Sujeito (S) + Verbo (V) + Objecto (O), isto é, SVO.

As frases em (10b), (11b), (12b), (13b), (14b), (15b), (16b), (17b), (18b) e (19b) espelham a mudança de posição dos elementos com função de sujeito e objecto, o que resulta na alteração do significado da frase inicial, entretanto a sequência SVO mantém e as frases não podem ser consideradas agramaticais.

4.2.Frase Simples com verbo transitivo directo e indirecto simultaneamente (de três lugares):

(20) a) **Namakhalana ho - n -vah - a nhuvi enika**
1-rico (S) 3sg - Psd - MOI - dar (V) VF - 1-pobre (OI) - 7-banana (OD)
'O rico deu banana ao pobre'

b) * **Nhuvi ho- n -vah - a namakhalana enika**
1-pobre (S) 3sg - Psd - MOI - dar (V)- VF - 1-rico (OI) - 7- banana (OD)
'O pobre deu banana ao rico'

(21) a) **Mwanthiyana ho n -rul - a mwaanna kaputtula**
1-menina (S) 3sg - Psd - MOI - despir /tirar (V)- VF 1-criança (OI) 1-alção (OD)
'Amenina tirou os calcões à criança'

b) * **Mwaana ho - n -rul - a mwanthiyana kaputtula**
1-criança(S) 3sg - Psd - MOI - despir/ tirar (V) - VF 1-menina (OI) - 1-calção (OD)
'A criança tirou os calcões à menina'

(22) a) **A-mwaalimu a- ha- a -rum - a anacikola nteko**
1-senhor professor (S) 3sg - Psd - MOI - mandar (V)- VF 1-alunos (OI) 3-trabalho (OD)

'O senhor professor mandou o trabalho aos alunos'

b) * **Anacikola a- ha- a -rum - a a-mwaalimu nteko**
2-alunos (S) 3pl - Psd - MOI - mandar (V) - VF senhor professor (OI)- 3-trabalho (OD)

'Os alunos mandaram o trabalho ao senhor professor'

Os dados do Emakhuwa em (20a) até (22b) mostram efectivamente a ordem dos elementos da frase, sujeito (S) + verbo (V) + objecto (O), onde o objecto (O) pode ser objecto directo (OD) ou objecto indirecto (OI).

Nos dados em (20a) até (22b), o objecto directo (OD) ocorre simultaneamente com OI; e é o morfema co-referente do objecto indirecto (OI) que ocorre na estrutura da forma verbal.

Quanto à ordem dos constituintes da frase, os dados certificam a ocorrência da sequência sujeito (S) + verbo (V) + objecto (O), isto é, SVO. Porém, a sua inversão muda imediatamente o sentido da frase inicial.

4.3.Frase Simples com verbos transitivos quando ocorrem com advérbios

(23) a) **Aletto a- ho- n -khuur - a mwalakhu elelo.**
1-Hospdedes 3pl - Psd - MOD - comer (V) -VF - 1-galinha (OD) Loc-hoje (C.C. Tempo).

'Hospedes comeram galinha hoje'

b) * Elelo mwalakhu ho- n - khuur - a 1- aletto
Loc-Hoje (C.C.T) 1- galinha (S) Psd- comer (V)- VF hóspedes (OD)
*‘Hoje galinha comeu hóspedes’

(24) a) Coose ho- - rih - a ephepa m- paani.
1-José (S) 3Sg - Psd - deitar (V)- VF 7-farinha (OD) 18-Loc-dentro da casa (C.C.
Lugar).

‘José deitou farinha dentro da casa’

b) * M-paani ephepa ho- - rih - a Coose.

18-Loc dentro da casa (C.C.L.) farinha (S) - 3Sg-Psd- deitar (V) - VF José (OD).
‘Dentro da casa farinha deitou José’

Os dados em (23a) e (24a) apresentam a estrutura sujeito (S) + verbo (V) + objecto (O) + complemento circunstancial de tempo e lugar (C.C.T e L) correspondente ao advérbio, (SVOX) e demonstram nitidamente que, mesmo com a ocorrência do advérbio na frase, a ordem dos constituintes frásicos não altera e a estrutura SVO mantém-se. No entanto, os dados em (23b) e (24b), isto é, com asterisco demonstram não aceitabilidade frásica.

Conclusão

O presente estudo tinha por objectivo descrever e analisar sintacticamente a frase simples e a ordem dos seus constituintes em Emakhuwa à luz de pressupostos da teoria de Princípios e Parâmetros (P & P), Chomsky (1986). Esta teoria é fundamental para explicar e descrever os princípios que seriam universais, e parâmetros, desses princípios, que seriam variáveis nas línguas específicas.

Em Emakhuwa, como na maioria das línguas bantu, a ordem canónica de palavras numa frase simples com verbo transitivo é: sujeito + verbo + objeto (SVO). Ou seja, em frases simples com verbo transitivo, o sujeito (SUJ) precede o predicado seguido de complemento ou complementos verbais (OBJ). Não obstante a argumentação de Bearth (2003), que observa que a ordem SVO em Bantu pode ser expandida adicionando adjuntos representados por um X, dando a ordem SVOX. Esta ordem é a que é manifestada em Emakhuwa, quando advérbios e outros argumentos são acrescentados à oração principal. como ilustram os dados do Emakhuwa em (23a) e (24a).

Os dados em (19b) até (20a) testemunham a ocorrência do morfema co-referente de Objecto (MO) imediatamente antes da Raiz. E nesta língua, como ilustram as frases em (19b) até (20a), a obrigatoriedade da presença da marca do objecto na forma verbal é notória. Os mesmos dados mapeiam a ocorrência dos constituintes da frase na sequência sujeito (S) + Verbo (V) + Objecto (O), isto é, SVO.

As frases em (10b), (11b), (12b), (13b), (14b), (15b), (16b), (17b), (18b) e (19b) demonstram a mudança da ordem de ocorrência de sujeito e objecto, o que resulta na alteração do significado da frase inicial, entretanto a sequência SVO mantém e as frases não podem ser consideradas agramaticais. Os dados em (20a) até (22b) mostram efectivamente a ordem sujeito (S) + (Verbo (V) + objecto (O) dos elementos da frase, onde o objecto (O) pode ser objecto directo (OD) ou objecto indirecto (OI).

Quanto à ordem dos constituintes da frase, os dados certificam a ocorrência da sequência sujeito (S) + verbo (V) + objecto (O), isto é, SVO. Portanto, em

Emakhuwa, a estrutura SVO é obrigatória quando o sujeito e o objecto são nomes da mesma classe (classe 1), pois a alteração da ordem de ocorrência pode resultar também na mudança do significado da frase. Com base nos dados do Emakhuwa analisados neste estudo, chegámos a concluir que a Teoria de Princípios e Parâmetros Chomsky (1986) respondeu efetivamente à nossa inquietação. Assim, a pesquisa concluiu que Makhuwa é língua de SVO.

Referências

- ANDERSON, S. R. **A-Morphous Morphology**. New York: Cambridge University Press, 1994.
- BECHARA, E. **Moderna Gramatica Portuguesa**. 39ª ed. Rio de Janeiro, Editora Lucerna: Academia Brasileira de Letras, 2001.
- BRIATE, M. **A Sintaxe das orações relativas em Cinyanja**. Braga, Universidade do Minho, 2023.
- BORER, H. **Parametric syntax**. Dordrecht, Holland: Floris Publications, 1984.
- CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht : Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. **Barriers**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1986a.
- CHOMSKY, N. **Knowledge of language: its nature, origin, and use**. New York: Praeger, 1986b.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português contemporâneo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- GUTHRIE, M. **Comparative Bantu**. Vol.1-4. Farnborough Heights, Gregg International Publishers, 1967-71.
- KATAMBA, F. **Morphology**. London: The Macmillan LTD, 1993.
- KATUPHA, J. M. M. **A preliminary description of sentence structure in the E-sáaka dialect of Emakhuwa**. Tese de Mestrado (não publicada). University of London, 1983.
- KATHUPA, J. M. M. **The grammar of Emakhuwa verbal extensions**. Doctoral dissertation, SOAS, University of London, 1991.
- KAYNE, D. **The Antisymmetry of sintaxe**. Cambridge MA. MIT press, 1994.
- MACALANE, G. L. **A variação paramétrica das interrogativas parciais em cinyanja**. Maputo: CEA - Universidade Eduardo Mondlane, 2013.
- MATSINHE, S. **The status of verbal affixes in bantu languages with special reference to Tsonga: problems and possibilities**, Pretoria: Department of African Languages, University of South Africa, 1993.
- NGUNGA, A. **Introdução à Linguística Bantu**. Maputo: Imprensa Universitária - UEM, 2004.
- NGUNGA, A.; FAQUIR, O. **Relatório do III Seminário de Padronização de Ortografia de Línguas Moçambicanas**. Maputo: CEA - Universidade Eduardo Mondlane, 2011.
- NGUNGA, A.; SIMBINE, M.C. **Gramática Descritiva do Changana**. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) - UEM, Colecção “As nossas línguas”, 2012.
- NGUNGA, A. **Introdução à Linguística Bantu**. 2ª Ed. Maputo: Imprensa Universitária - UEM, 2014.
- NGUNGA, A. et. al. **Relatório do IV Seminário de Padronização de Ortografia de Línguas Moçambicanas**. Maputo: CEA - Universidade Eduardo Mondlane, 2022.
- RAPOSO, E. **Teoria da gramática: a faculdade da linguagem**. Lisboa, Editorial Caminho, 1989.

RIO-TORTO, G. et. al. **Gramática derivacional do português**. 2.ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

SANTOS, S. ; SALES, J. F. M. **Educação e formação de professores: desafios contemporâneos**. São Paulo. Editora Universitária, 2013.

SCARPA, E. M. **Prosody and language loss: a case study on prosodic difficulties in fluent aphasia**. In: *I PaPI*, Lisboa, 2003, p.11-12.

SOUZA, J. P. F. **Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX**, 2012, folhas 810-830. Dissertação-Letras (Letras Vernáculas), Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

Para citar este artigo: FREDERICO, António Pedro. Makhuwa, língua de sujeito, verbo e objecto (SVO). **AXÉUNILAB: Revista Internacional de Estudos de Linguagens na Lusofonia**. São Francisco do Conde (BA), vol.01, nº01, p. 11-26, jan./jun.2025. (Editores: Abias Alberto Catito - UEFS & Maurício Bernardo - UEFS ** Coordenação: Alexandre António Timbane).

António Pedro Frederico é natural do distrito de Namuno, província de Cabo Delgado, Moçambique, filho de Frederico Elias Fiquira e de Margarida Alberto, frequentou o Seminário Médio Cristo Rei-Matola, 1998, Maputo. É Licenciado em Ensino de Língua Francesa pela Universidade Pedagógica de Nampula, em 2014. Actualmente, é mestrando em Linguística Bantu na Universidade Rovuma e docente de língua francesa na Escola Pré-universitária de Montepuez, Cabo Delgado. Participou varias vezes de seminários de capacitação de professores de língua francesa zona norte. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-2271-1740>. E-mail: fredericoantoniojedro6@gmail.com